

## MODALIDADES DO OLHAR FOTOGRÁFICO FOTOGRAFIAS DO PLANO DE COLONIZAÇÃO DA MARIPÁ

*Solange da Silva Portz\**

**Resumo:** O presente texto procura realizar uma reflexão sobre a possibilidade de trabalhar com a visualidade, realizando o cruzamento de fontes. Para isso estão sendo utilizadas fotografias do Plano de Colonização da Empresa Colonizadora MARIPÁ do Oeste do Paraná, produzidas entre 1946 a 1955. O conjunto de 67 fotografias foi produzido pelo fotógrafo e então contador da empresa, Ondy Hélio Niederauer. A partir da caracterização preliminar da documentação que guardam qualidades formais que remeteu a um método, para o tratamento fotográfico das atividades da empresa colonizadora. O uso variado de fontes, a escrita, a visualidade e a oralidade, permitiu vislumbrar formas do olhar fotográfico. Para recuperar a história de parte de um passado, entende-se que a imagem não fala por si, sendo possível utilizar as mais variadas formas de leitura, para poder decodificar a mensagem fotográfica.

**Palavras-Chave:** visualidade, oralidade, colonização, fotografia, fotógrafo.

**Abstract:** The present text searches the reflection about the possibility to work with visual aid sources achieving the Maripá company from the west of Paraná, produced between 1946 and 1955. The set of 67 potographies was produced by Ondy Hélio Niederauer. The company's photographer and accountant. From the preliminar characterization of the documentation that guard formal qualites which remit to a method, to a photographic tretment of the settler company activities. The varied use of the sources, the writing, the visual aid and the speech, permitted to glimpse, some ways of the photographhic sight. To recuperate the history of the part of a past its meant hat the image that it doesn't speak by itself bing possible to use a great variety of ways, to make possible to decoder the photographic message.

**Key Words:** visual aid, speech, colonization, photography, photographer.

---

\* Mestre em História Social pela UFF/UNIOESTE.

A utilização da fotografia como fonte de pesquisa social requer um aprendizado. Para isso, é preciso entender a imagem como documento para a reconstituição do passado nesse sentido, deve-se abordar as fotografias como um conjunto de relações sociais presentes no local e no tempo de sua produção.

A documentação fotográfica, aqui abordada, encontra-se no Relatório do Plano de Colonização, produzido em 1955 por Ondy Hélio Niederauer, o então contador da Indústria Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ. Ondy Hélio Niederauer acompanhou de perto os trabalhos de compra e venda de terras e outras atividades desenvolvidas pela empresa. Sempre ao lado de Willy Barth<sup>1</sup>, procurou desempenhar bem seu trabalho. Esta intenção se percebe na elaboração de um relatório da empresa, o qual contém um conjunto de informações escritas e visuais. A elaboração deste relatório foi feita com a finalidade de participar de um concurso organizado por várias companhias colonizadoras que atuaram na região Oeste paranaense. O documento que leva o título de “Plano de Colonização” é um relatório dos trabalhos da MARIPÁ, mostrando a projeção, em resumo, das atividades desenvolvidas pela companhia. A sua organização se dá em duas partes, sendo uma teórica e outra prática. Na parte teórica, foi desenvolvido um estudo, levando em conta localização da área, propriedades do solo, clima, agricultores, povoamento, produtos, dentre outros aspectos. Este estudo é conhecido como Plano de Ação. A segunda parte mostra a prática da aplicação do Plano de Colonização: medições e vendas de terras, contabilidade, construções de sedes, estradas, amparo ao agricultor, assistência médica, hospitais, escolas, desenvolvimento comercial e industrial, dentre outras providências tomadas pela Companhia.

Na segunda parte do Plano de Colonização, são expostas 67 fotografias, explicitando as atividades da empresa e caracterizando o que, na primeira parte do relatório, resumia-se a um Plano de Ação. As fotografias estão seqüenciadas e acompanham 12 temas, que são: contabilidade, construções de sedes, estradas, amparo técnico ao agricultor, assistência médico hospitalar, assistência escolar e religiosa,

---

<sup>1</sup> Willy Barth, a partir de 1949, foi diretor da MARIPÁ e fundou várias cidades e povoados, tais como Toledo e Marechal Candido Rondon. KUHIN, Wilson Carlos. Biografia de Willy Barth. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1978. p. 3. Como político, teve papel principal na articulação de instituições partidárias da região, sendo eleito segundo prefeito de Toledo e no ano de sua morte, 1962, estava concorrendo a uma cadeira no senado. SCHMIDT, Róbi J. Cenas da Constituição de um Mito Político: Memórias de Willy Barth. Edunioeste, 2001, p. 26-27.

recreação e esportes, rede elétrica, exportação de madeiras, repartições públicas, aeroporto, comércio e indústria. Esses temas, representados por imagens, são acompanhados por legendas e textos.

Foi com 67 fotografias com temas da colonização do Oeste do Paraná que Ondy Hélio Niederauer compôs a segunda parte do Plano de Colonização. Através da seqüência fotográfica ele teve a intenção de mostrar a diferença de um ano para o outro, a fim de demonstrar o rápido crescimento da região, evidenciando com isso, os usos e as apropriações do material fotográfico por parte do fotógrafo. Essa parte do relatório é composta por 35 páginas, contando com o desenvolvimento de questões práticas em torno da colonização, explicitando as atividades da empresa e caracterizando o que, na primeira parte do relatório, resumia-se ao Plano de Ação.

As fotografias através dos títulos que receberam buscam enfatizar os cinco itens do Plano de Ação abordados na primeira parte do documento. As imagens estão coladas de 1 a 3 fotos por página. Acompanhados 12 tema escolhido por Ondy Hélio Niederauer, cada imagem acompanha um texto correspondente aos trabalhos da MARIPÁ, não propriamente vinculados às cenas retratadas. Isso se explica pelo material fotográfico ter sido produzido num tempo anterior à produção do Plano de Colonização e aplicado ao texto após sua produção escrita.

O Plano de Colonização foi elaborado, em função de um concurso realizado em Londrina – Paraná, para escolher os municípios que mais haviam progredido até o ano de 1955. Segundo Ondy Hélio Niederauer, a MARIPÁ ficou em terceiro lugar. Nessas circunstâncias, é que foi decisivo para a empresa um estudo realizado pelos dirigentes da MARIPÁ, em princípios de 1950, que caracterizou os pontos do Plano de Ação.

O Plano de Ação é composto por uma série de regras, estudos e combinações entre os dirigentes da empresa colonizadora. Ele envolvia cinco principais itens. O elemento humano deveria ser preferencialmente descendente de alemães e italianos, advindos das antigas colônias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, homem apto com a lida agrícola. Esse colono se tornaria proprietário livre das terras adquiridas, com áreas divididas em pequenas propriedades, garantindo maior quantidade de gente na região. O sistema de produção agrícola deveria ser baseado na policultura, de modo a garantir um maior equilíbrio econômico. Era compreendido que o sistema da policultura traria um retorno mais seguro dos investimentos. A MARIPÁ realizou estudos para viabilizar o

escoamento da produção para os grandes centros consumidores. Para isso, foram instalados postos de compra que adquiriam os produtos cultivados ao preço corrente do Rio Grande do Sul. A industrialização, outro item do Plano de Ação, seria necessária para suprir as necessidades locais e assim o agricultor não dependeria das indústrias montadas distante da área colonizada. Garantiria, deste modo a modernização na fronteira, lembrando que, na década de 1950, havia um forte apelo ao progresso, vinculado, sobretudo, à industrialização.

As fotografias apresentam em suas cenas a área de terras conhecida como Fazenda Britânia<sup>2</sup>, que foi adquirida pela Companhia Colonizadora, em 1946. Localizada no extremo-Oeste paranaense, esta área faz fronteira com o Paraguai. A empresa Colonizadora do Oeste paranaense, com sede em Porto Alegre e escritório em Toledo, agia através da compra e venda de terras, extração, exportação e beneficiamento da madeira, transformando-se na principal colonizadora do Oeste do Paraná (GREGORY, 1997: 167). Nota-se que o marco do contexto histórico em estudo não está deslocado de questões sugeridas no presente. Isso se evidencia, quando se observa a utilização de fotografias com suas temáticas voltadas ao tema da Colonização, da MARIPÁ e Municípios da região, onde são evocadas freqüentemente como prova dos enunciados ou vitrines dos textos.

Do ponto de vista temporal, refere-se a fotografias do passado como uma mensagem que se elabora através do tempo (MAUAD, 1996: 90). O estabelecimento da cronologia é de 1946 a 1955, quer dizer, do início das atividades da empresa (1946), à organização do relatório, o Plano de Colonização, em (1955). A produção das fotografias do relatório data do ano de 1950, período em que o fotógrafo iniciou suas atividades junto à empresa.

Quando se trabalha com materiais visuais, entende-se que a fotografia é uma forma de representação da realidade. Os autores Lucia Santaella e Winfried Noth, na obra "Imagem: cognição, semiótica, mídia", trabalham o conceito de representação dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Abordam o conceito, pretendendo elucidar o tema das

---

<sup>2</sup> A Fazenda Britânia localizada no extremo Oeste do Paraná, compreende uma área de aproximadamente 250.000 hectares de terras. O primeiro núcleo urbano fundado em 27 de março de 1946, por um grupo de 14 homens, deu origem a cidade de Toledo. NIDERAUER, Ondy Hélio. Toledo no Paraná: uma História de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso. Composição Grafo-Set, impressão e acabamento Manz Etiqueta Adesivas Ltda, 1992. p. 41-48.

imagens, percebendo-as como representação através de dois domínios. O primeiro é o da imagem como representação visual, como os desenhos, as pinturas, as fotografias, dentre outros. Nesse caso, são objetos materiais que representam o meio ambiente visual. O segundo domínio é o imaterial, das imagens em nossa mente. Segundo os autores, os dois domínios não existem separados, estando ligados já na sua gênese: “Não há imagem como representações visuais que não tenha surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais” (SANTAELLA&NOTH, 2001: 13-16).

Os autores entendem os conceitos como unificadores de dois domínios da imagem, quer dizer, o seu lado perceptível e o seu lado mental, sendo ambos unificados em algo que define um terceiro nível que é o da representação. Abordam, desta forma, o estudo das representações visuais e mentais como tema de duas ciências vizinhas, a semiótica e a ciência cognitiva.

Percebe-se, através das fotografias, das legendas e do texto do relatório, como também pelo depoimento do fotógrafo<sup>3</sup>, a forma com que elas foram aplicadas e utilizadas pelo relatório como mecanismos de comprovação, passíveis de alterações, e como reforço do rápido crescimento da região. A legenda, para o fotógrafo, é evidenciada, supondo que, para olhar uma imagem, é necessário narrar a cena. A legenda recai na ênfase de direcionar o olhar do observador para aquilo que o fotógrafo sugere já na primeira fotografia que inicia a narrativa do Plano de Colonização.

O artefato fotográfico é entendido como o encontro do olhar humano e o aparato técnico: um aparelho, uma câmera, dirigida pelo olhar e conduzida pelo modo de ver, ser e entender o mundo no qual o produtor encontra-se inserido. A partir desse conjunto de métodos é que se pode produzir ilusoriamente um efeito de real. Aplicados a uma superfície plana, onde todos os elementos contidos são representados a partir de um único ponto de vista, eles sugerem a ilusão de profundidade composta pela linha do horizonte demonstrando um todo de composição. Levando assim, o olhar ao fundo da imagem que representa o ponto no qual o olho penetra, dando a percepção do todo da imagem acabada.

<sup>3</sup> Foram tomados depoimentos orais com os fotógrafos Ondy Hélio Nidrauer e Augusto Clivati nos meses de novembro de 2001 e janeiro de 2002, na cidade de Toledo. Os depoimentos foram direcionados através da História de vida dos entrevistados. Ao todos foram realizadas 180 m de entrevistas gravadas em fita K 7 as quais foram transcritas e autenticadas pelos depoentes.

Quando se trata de fotografia, a noção de corte está no núcleo da questão, já que a imagem não está indissociável do ato que a fez ser. A fotografia se caracteriza por um gesto radical, que, no apertar o botão da câmera, realiza-a integralmente. Esse gesto é o corte que acontece tanto na questão temporal como espacial. Para Philippe Dubbois, “O corte incide a sua acção sobre o fio da duração e sobre o contínuo da extensão”. Nesse ato, a fotografia interrompe, pára, fixa, imobiliza, separa, desloca a duração, captando apenas um único instante. Do mesmo modo, fraciona, retira, extrai, isola, recorta uma porção da extensão. Assim a fotografia se apresenta como uma fatia única e singular do espaço e do tempo (DUBBOIS, 2001: 163).

Nesse ato do corte, o fotógrafo faz suas escolhas e exclusões. Estas escolhas também acontecem na pós-produção e circulação, onde o material fotográfico é selecionado, para serem utilizadas a um fim específico. Assim as fotografias do relatório foram produzidas entre 1950 a 1955, período que vai do início das atividades de Ondy Niederauer na empresa MARIPÁ até a organização do relatório, o que evidencia, como vimos, que as fotografias não foram produzidas para o relatório. As imagens foram selecionadas para o documento e organizadas para o mesmo. Demonstrando assim os usos e as apropriações do material fotográfico.

Os títulos que antecedem cada assunto referenciado pelas fotografias correspondem a 12 setores temáticos. Cada tema deveria mostrar a viabilização de estruturação na área colonizada, como exposto no Plano de Ação. Tais temas, junto às fotografias, correspondem à construção de uma narrativa sobre a colonização, vinculada à idéia de progresso, modernização, crescimento e industrialização. As fotografias encontram-se seqüenciadas com cenas repetidas, construindo uma narrativa que evoca o rápido crescimento da região.

Os temas demonstram a preocupação com a viabilização de estruturação e de organização da Fazenda Britânia, com ênfase nas construções das sedes, tema com maior número de fotografias, somando 20. O número de fotos nesse caso específico reforça o projeto do Plano de Ação, de tal forma que todos os temas estão vinculados uns aos outros, sugerindo pensar a preocupação de comprovar e evidenciar todo o projeto exposto na primeira parte do documento, no que se refere à modernização de Toledo e região.

O grupo de fotografias, considerando o contexto no qual foram produzidas, bem como a condição das imagens, isto é, a aplicação com seus respectivos temas, leva a supor que as mesmas traduzem um forte

vínculo com as transformações ocorridas no Brasil na década de 1950. Ou, pelo menos, o organizador do documento almejava essa referência.

Quadro indicativo dos temas e o número de fotos de cada tema, aos quais as imagens encontram-se aplicadas no Plano de Colonização.

Temas	Nº de Fotos
1 - Contabilidade	01
2 - Construções de Sedes	20
3 - Estradas	06
4 - Amparo técnico ao agricultor	10
5 - Assistência Médico-Hospitalar	05
6 - Assistência escolar e religiosa	04
7 - Recreação e esportes	08
8 - Rede Elétrica	01
9 - Exportação de Madeiras	05
10 - Repartições Públicas	01
11- Aeroporto	02
12 - Comércio e Indústria	04

Através do levantamento realizado, foi possível entender a importância que assume a posição do autor das fotografias para o estudo das imagens da colonização. Nesse caso, a proposta estendeu-se também ao campo da oralidade. Assim, o uso de fontes orais e fotográficas tornaram-se instrumentos para articular a leitura das dimensões históricas sociais das práticas produtoras de sentido.

O fotógrafo Ondy Hélio Niederauer, como um dos personagens principais da produção da memória da colonização do Oeste paranaense, como fotógrafo, registrava cenas das atividades da empresa MARIPÁ, e guardava documentos para serem depositados em lugares de memória entre aqueles, fotografias que comporiam a segunda parte do Plano de Colonização. Procedente de Porto Alegre, Ondy Hélio Niederauer, a partir de 1950 iniciou suas atividades na contabilidade da MARIPÁ, em Toledo.

Desde o início das atividades da MARIPÁ, em 1946, principalmente a partir da chegada de Ondy Niederauer a Toledo, é que existem registros sobre a colonização da região a partir dos trabalhos da colonizadora. O olhar do fotógrafo, que enquadrava cenas voltadas às atividades da empresa, compôs, assim, parte da história da região Oeste do Paraná. Naquela ocasião, ele se propôs a registrar as atividades que o grupo empresarial realizava, com o propósito de construir uma história sobre a colonização do extremo-Oeste do Paraná. Elegeu a fotografia

como uma das formas de expressão, tendo como referência às atividades da colonizadora. O conjunto de fotografias em estudo, trazendo cenas da paisagem urbana e paisagem rural, é fundamentais para o conhecimento das formas de organização da Fazenda Britânia. As imagens do início da colonização, as paisagens das propriedades rurais e as pavimentações urbanas, selecionadas para o registro bem como para o Plano de Colonização, evidenciam um conjunto de elementos com destaque para o padrão de ocupação da pequena propriedade, formação de núcleos urbanos, indústria e comércio. Em sua maioria, as imagens localizam a cidade de Toledo e arredores como sendo o próprio retrato “oestino”. Com exceção de cinco fotografias do relatório que enfocam cenas aéreas com vistas parciais principalmente das cidades de Toledo e Marechal Cândido Rondon, estas imagens foram produzidas pelo primeiro fotógrafo residente na cidade de Toledo, Augusto Clivati.

Augusto Clivati, natural de Nova Prata, Rio Grande do Sul, iniciou seu envolvimento com a fotografia aos 17 anos de idade, a partir de então seguiu a profissão de fotógrafo. Veio conhecer a região Oeste do Paraná em 1950. Sendo o primeiro fotógrafo a se instalar em Toledo, trouxe sua máquina fotográfica Kodak Americana 6x9, totalmente automática, com a qual registrou cenas inéditas do processo de implantação e ocupação do Oeste do Paraná.

Dessa forma, tanto Augusto Clivati como Ondy Hélio Niederauer, tornaram-se personagens importantes no processo cultural e social do Oeste paranaense. Seus registros possuem efeitos tão marcantes na região, a tal ponto que as pessoas confundem a história da MARIPÁ como a história do Oeste do Paraná. Nesse contexto, suas práticas possuem implicações com o processo histórico que envolveu a colonização do Oeste paranaense, o que é demonstrado como narrativa desses personagens.

Com a prática de fotógrafo, Ondy Hélio Niederauer produziu e selecionou imagens que comporiam a organização do relatório e o Plano de Colonização, organizado em 1955, que foi escolhido como fonte de pesquisa a ser estudado.

É relevante destacar como o fotógrafo, figura marginalizada pela historiografia tradicional, contribuiu para a produção de uma idéia impregnada de imagens de progresso, civilização e ordem, criando padrões de comportamentos para a sociedade do período de colonização, construindo o tipo ideal para o Oeste como uma região do futuro. O Plano de Colonização, neste sentido, pode ser entendido por dois pontos distintos: por um lado, como mecanismo de propagação das coisas do

Oeste por outro lado, as fotografias que compõem o texto do relatório constituem um lugar de memória local privilegiado, onde a memória social do processo de colonização foi construída, podendo ser analisados os tempos materiais funcionais e simbólicos que ela constituiu.

A necessidade do fotógrafo articular discursos através de imagens teve como posição construir uma representação sobre a ação da empresa colonizadora. Pensando por esse viés, nota-se que os discursos não são neutros, o fotógrafo reproduziu uma versão dos fatos através do Relatório, que tende a compor uma história da colonização, sobretudo buscando legitimar o projeto de um grupo, cujas produções vinculadas ao tema acabam frequentemente confundindo a história da MARIPÁ com a própria história do Oeste do Paraná. As fotografias, assim, entram como recurso visual que reforça e complementa o enunciado da escrita.

Neste sentido, o uso de fontes fotográficas e orais permite observar uma dupla impressão que envolve duas formas de olhar as fotografias. No primeiro ato, as imagens apresentadas no Plano de Colonização, inspiram à leitura que as fotografias expressam nessa primeira forma de olhar. As fotografias foram vistas como “fixas”, na sua relação cognitiva, quer dizer, imagens que complementam o enunciado pela escrita, apresentando como comprovação dos fatos. No outro ato de olhar as mesmas fotografias, vê-se imagens ganhando mobilidade a partir do olhar do fotógrafo, momento em que elas se transformam através de uma relação imaginária, permitindo assim uma outra forma de olhar. O fotógrafo expressava através das palavras, dos gestos e do olhar uma relação que remetia a imagens cinematográficas. Naquele momento as fotografias ganharam movimento na imaginação de quem as lembrava. Ondy Hélio Niederauer viajou por entre a espessura da memória.

Como num primeiro momento, se tratou de um estudo sobre a história através do visual, isto é, uma tentativa de legitimação por meio de imagens de uma outra representação, que não fosse aquela da ordem da verbalidade, objetivou-se ao examinar as 67 fotografias do Plano de Colonização, deter-se prioritariamente ao exame das mensagens visuais. Como em uma viagem, o olhar era convidado a passear por entre as superfícies achatadas das fotografias. Os olhos circulavam num constante linear, indo da esquerda para direita, do horizontal para o vertical. Das páginas que eram folhadas, de fotografia em fotografia, era como se fosse um convite àquele silêncio misterioso. Lugares de investimentos, de sonhos e de saberes, num tempo que havia passado, ao qual não viria jamais a ser aquele presente. Havia sem saber, embarcado numa viagem

de grandes emoções, de encontros, idas e vindas, fotos, símbolos e vidas.

No segundo ato de olhar, as mesmas fotografias estavam voltadas a outro percurso visual. Os olhos procuraram os indícios de um desejo de conhecer o que não podia ser visto, mas que sabia que existia. Agora alargando o campo de observação, o que aparecia diante dos olhos eram múltiplas-relações visuais. Não mais somente as imagens que retratavam as atividades da empresa, aquelas do Plano de Colonização, mas nesse momento, também o apelo à necessidade de uma compreensão e de um entendimento mais aprofundado em relação às fotografias e seu produtor. Naquele momento via as fotografias juntamente com o texto, legenda e a fala do autor.

Em poucos dias, as mesmas fotografias haviam recuado diante dos olhos, agora expostas aos olhos de seu produtor, retirando-se daquilo que havia visto há dias atrás. Nesse momento, não mais somente as fotografias e o texto do plano de Colonização, mas a fala do fotógrafo Ondy Niderauer, que fazia ver e ao mesmo tempo ocultar, ganhando duplo sentido, presença e separação.

Presença que havia adquirido num primeiro ato de olhar e no segundo ato de olhar, distância daquela presença. Ganhando, porém outro sentido. Não podia mais entendê-las como antes. Oferecidas aos olhos de seu produtor, que as reconhecia como uma soma de saudades, perdas e satisfação. Algo tinha sido descoberto, as imagens tomaram outro rumo. As cenas continuaram ali fixadas na superfície das fotografias, como as havia conhecido. Nesse outro ato de olhar deixou um misto de confusão e curiosidade para conhecer o que não podia ser visto, não pelo que elas estavam dizendo, mas ao que ainda diriam.

Via um fotógrafo se encantando a cada página que virava. Através dela, rememorava. Por elas, o passado era incorporado, através das imagens que retratam presença vivida por detrás da câmera. Naquele momento o passado tornou-se presente e ao alcance das mãos de Ondy Niderauer, que através delas queria comprovar o vivido e a sua própria vida, que as produziu, que as vê e que as possui. “*Mais do que do sujeito que registra, a fotografia passa a ser do sujeito que a possui ou que dela participou. Passa a ser o referente eternizado. Seu presente como passado apreendido em instantâneos colecionados. Que é seu legado para o futuro*”. (ACHUTTI, 1998 : 73). As fotografias, muito mais que apenas registros produzidos pelo fotógrafo, passaram a ser dele que as possui e que por detrás das cenas retratadas participou, tanto como produtor como referente. O hoje como passado apreendido através de imagens tecnicamente produzidas guardadas por ele, cuidadosamente

para perpetuar no futuro. O fotógrafo como testemunha ocular dos fatos demonstrou essa dualidade, pois registrava momentos em que ele também era personagem, não somente como produtor das imagens, mas como sujeito das cenas retratadas.

O fotógrafo, ao olhar as fotografias, revisitou seu próprio passado, um tempo por ele vivido e que havia congelado fragmentos daquele momento. Com as fotografias a sua frente, ao mesmo tempo em que aflorou um sentimento de perda, também serviram de consolo. As imagens não eram olhadas tendo como referencia o Plano de Colonização, mas através de sua própria história, bem como as cenas por elas fixadas. Cada fotografia trazia em seu referencial, uma história própria, diferente daquela sugerida no relatório.

Dessa mesma forma, entrando em contato com esse presente/passado investindo, nesse caso, de um duplo sentido, (duas formas do olhar as mesmas fotografias) sentido diferente daquele de Ondy Niederauer, entendendo que as imagens não falam por si, como pensava no primeiro ato de olhar. Daí por diante começou a aflorar uma série de questões. Com as palavras do fotógrafo, muito mais que respostas, suscitara novas questões. As fotografias, nesse momento nos remetem a uma peça composta por mosaicos, cada peça com sua composição individual, mas em seu conjunto, parece produzir aquilo que seria a peça “acabada”, o Plano de Ação da MARIPÁ.

Assim o fotógrafo foi levado, através das fotografias, rememorar o vivido naquele tempo e lugar, fixando os fragmentos de suas impressões através do ato fotográfico. Por um lado às fotografias se mantiveram presentes ao atento olhar de Ondy Niderauer, por outro lado, deslocadas, autônomas a ele, com vida própria, naquele momento as fotografias se permitiram colocar diante de nossos olhos como algo que imprimiu fragmentos do real de um passado, o que valeu a pena, para o fotógrafo retratar, conservar na existência de uma superfície silenciosa, mas cheia de evidências do cotidiano de um determinado grupo social.

Para o fotógrafo, as fotografias são lembranças, onde aquelas cenas, aqueles sujeitos dispostos nas fotos estavam ali, presentes, no exato momento do apertar o botão. No momento em que se calava, parecia que as fotografias eram as bases necessárias para a exclusão dele enquanto narrador, pela sua presença fixada por detrás da câmera que cada foto revela, mas que não pode ser visto. Em muitos momentos durante a conversa ele se calava. Apenas a imagem falava, era ele quem estava presente em quase todas as fotografias, era ele quem anunciava e apertava o botão

daquela câmera que registrou o passado, tão presente na memória de Ondy Hélio Niderauer.

Em muitos momentos, parecia que tudo já havia sido feito, visto e dito, mas em cada nova informação, sempre uma surpresa, revelando o fluir contínuo das fotografias. As imagens adquiriram novos sentidos no decorrer do tempo. Realizar o trabalho através do cruzamento de fontes permitiu entender que o que olhamos pode não ser o que vemos, sobretudo a possibilidade do estudo que envolve fontes orais e fotográficas. Desta forma, revigora-se a idéia em realizar reflexões e discussões interdisciplinares para esse uso combinado das fontes, tanto no campo da história, quanto, na antropologia, sociologia e da lingüística.

As fotografias do Plano de Colonização manifestam-se em um fantástico campo de investigação, sob a perspectiva das imagens, sobre a forma de ordenação do espaço urbano e rural e, principalmente, revelando como um lugar de memória, fornecendo elementos para compreender melhor o processo de colonização do Oeste do Paraná através das atividades da Indústria Madeireira Rio Paraná S/A MARIPÁ.

A produção de fotografias sobre as atividades da empresa colonizadora apresenta-se através de uma padronização que expressa, visualmente, momentos de mudanças da paisagem regional. Elas são imagens que almejam apresentar valores específicos que contribuiriam para um retrato da manutenção do progresso regional.

O conjunto de fotografias do Plano de Colonização, juntamente com o texto, legendas e a entrevista do fotógrafo, cria uma versão da história da colonização do Oeste paranaense. Tanto os objetos, como os personagens que compõe as cenas estão profundamente ligados à história da empresa colonizadora. Neste sentido, pode-se confirmar, que o Plano de Colonização apresenta-se como lugar de memória, garantindo que a história da Indústria Madeireira Rio Paraná S/A- MARIPÁ seja a própria história da colonização do Oeste. O fotógrafo, como um dos personagens central dessa história, como produtor e referente, apresenta-se como uma das peças fundamentais na produção da memória, através das cenas que retratou e selecionou para compor a narrativa, mostra tanto as escolhas, quanto as exclusões.

Nesse sentido, o modelo de um Oeste do Paraná moderno, desejado pelo grupo MARIPÁ, vira tema a ser concretizado pela imagem fotográfica. A grande produção de fotografias nos anos 50, bem como a circulação maciça das representações fotográficas, demonstram essa imagem ideal de força, de fé, de trabalho, de felicidade e de honestidade.

As fotografias juntamente com as legendas direcionam a um olhar de que no Oeste há uma população que compartilha dos mesmos modelos. Mesmo que por razões diferentes, ela parece fazer parte de uma definição de povo paranaense, mesmo que não tivesse nascido no Paraná.

O conjunto de fotografias aplicadas às doze abordagens temáticas do Plano de Colonização apresenta uma dinâmica de colonizar que deveria vigorar através de um espírito novo, de força, fé e trabalho. O Oeste do Paraná maravilhoso, contando com o trabalho de homens ideais, unidos pela ordem, pelo progresso, pela civilização e pelas atividades culturais, num ambiente de solidariedade e paz: uma região forte e promissora, povoada por pessoas selecionadas: um povo honesto e ordeiro. As fotografias demonstram uma sociedade do Oeste paranaense projetada para o futuro, com um povo com características particulares, diferentes do restante do país. Homens que desmatavam e construíam, que plantavam e colhiam, trabalhavam numa terra fértil, onde o indivíduo, o trabalho e as atividades culturais eram os elementos que possibilitariam o progresso e a modernidade da região.

As fotografias aplicadas aos temas do Plano de Colonização apresentam-se com uma certa uniformidade. Mesmo os temas sendo diferentes, refletem o contexto das transformações sociais e econômicas engendradas pelas crescentes demandas por modernização no Brasil da década de 1950. (DREIBE, 1985. MENDONÇA, 1985.) Por outro lado, estas mesmas fotografias serviram como mecanismos ideológicos de legitimação das ações do grupo MARIPÁ, que possuía um certo poder na concretização dessa modernização.

As imagens de Ondy Hélio Niederauer instauram a primeira leitura visual do Oeste do Paraná. Sendo consideradas como documentos históricos, permitem conhecer os usos, as funções e a apropriação das imagens através da aplicação e circulação. As fotografias aplicadas ao suporte recebem outro sentido. As imagens que circulavam tanto na região Oeste, como nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, legitimam a proposta da MARIPÁ como estatuto de veracidade. Essa evidência de real acontece porque a fotografia desempenha um papel importante na função de transmissão. A fotografia é revestida do poder de evidência do real.

A seqüência fotográfica, que faz parte do relatório, fornece dados para entender alguns elementos que o fotógrafo priorizou no discurso fotográfico. Os elementos evidenciados, no conjunto dos temas, manifesta-se no personagem mais presente nas fotografias: o homem e as

suas vivências principalmente o trabalho e as atividades culturais: isto é, o que mais aparece nas fotografias. O homem seria o responsável pelo progresso demonstrado durante toda a narrativa. Também o lazer aparece representado pelas festividades. Esse lazer, proveniente do trabalho desses homens, é uma categoria que adquire importância central na produção de espaços culturais que procuravam atingir os corações dos habitantes do Oeste, levando-os a demonstrar todo seu afeto à região e à fé no progresso e na modernização. Esses padrões são manifestados pela análise das fotografias bem como, através do cruzamento entre as fontes. Estes elementos estão profundamente relacionados: o homem realiza o trabalho e o lazer como não-trabalho, mas como uma atividade organizada. Neste sentido, estas abordagens temáticas estão sendo vistas juntamente com o processo de atividades de estruturação e colonização da empresa MARIPÁ.

As fotografias apresentam indivíduos personificados, o tipo ideal engajado nesse projeto em constituição. A crença no progresso surge de um grande otimismo nacionalista, calçada nas mãos de homens com marca de distinção. As fotografias apresentadas no Plano de Colonização aparecem como a própria imagem do amor as coisas do Paraná. Através das fotografias é possível observar, através das cenas de trabalho, das atividades culturais e do homem, de como se elabora uma idéia de sociedade projetada para o futuro, possibilitando, sobretudo, a construção da identidade regional. As fotografias, portanto, permitem vislumbrar o tipo de imagem que a MARIPÁ pretendia construir para o Oeste.

Pode-se observar que as cenas de trabalho na maioria das imagens, mesmo nas fotografias com cenas posadas, manifestam a categoria trabalho, pois os personagens paravam as atividades para o registro, posicionando-se em cima, ao lado ou à frente das atividades que estavam sendo desenvolvidas. Assim, pode-se perceber que a preocupação manifestada no conjunto das imagens também é com o tema trabalho, considerando que estas fotografias estão organizadas logo no início do documento. Já outros eventos, como as festividades e comemorações, decorrente do próprio trabalho, estão demonstradas no final do Plano, sugerindo que, para produzir através do trabalho, o lazer viria como consequência e até mesmo como recompensa pelo trabalho realizado.

O papel da MARIPÁ foi o de colonizar a região Oeste e forjar um ideário regional com base em idéias progressistas e num ideal ufanista,

---

<sup>4</sup> A identidade não está sendo fundamentada nesse artigo sendo um tema a ser contemplado em outro trabalho.

propagado através de imagens que realizam o elogio das terras da região, seja mostrando os produtos agrícolas já cultivados, ou seja, através das diversas construções do espaço urbano, como escolas, hospitais, Igrejas, etc.

A cidade de Toledo se modernizava. Nela, surgia a Imprensa Toledo Ltda. em 1950; o primeiro jornal, “O Oeste”, a primeira edição do jornal Oeste circulou como semanário com nº 001, no dia 06 de setembro de 1953. Tinha como Diretor-Gerente, Clécio Zenni, Redator-Chefe Willy Carlos Trentini, e, como colaboradores, Ondy Hélio Niederauer e o agrônomo Rubens Stresser, (NIEDERAUER, 1992:150) Também acontecia a inauguração da iluminação pública; a instalação do frigorífico, correios e telégrafos, em 1953; a telefonia e a construção do aeroporto, em 1953; a instalação de um aeroclube, em 1954; o funcionamento do Café Imperial espaço social importante, muito freqüentado pela sociedade toledana, onde já podia saborear um gostoso sorvete. O Cine Imperial, nas mesmas instalações do Café Imperial, era onde se exibiam os melhores filmes da época. Outro ponto de encontro era o Clube do Comércio, no qual funcionava a primeira biblioteca da região. As pessoas assistiam com euforia a tantas realizações em tão pouco tempo.

O jornal Oeste destacou em todo seu período de circulação elementos que demonstraram a grande eclosão cultural e econômica, retratando o processo de urbanização de Toledo. Ele era o mecanismo pelo qual os moradores tinham acesso às notícias locais e regionais e até estaduais.

Apareciam as primeiras fotos aéreas da cidade de Toledo, retratada pelo fotógrafo Augusto Clivati, através de pequenas aeronaves que pousavam regularmente no aeroporto: a praça, a pavimentação das ruas, enfim, uma série de elementos que auxiliaram na construção de um Toledo moderno em um lugar distante dos grandes centros.

Todos esses elementos presentes nas imagens marcarão o imaginário popular sobre a colonização da Fazenda Britânia. Farão com que a população local construa uma identidade regional impregnada de uma forte crença no progresso e no desenvolvimento social. Um dos pontos importantes dessa construção foi à adesão de fotografias na divulgação, pelos quais a população tinha consciência da idéia de pertencimento e as divulgava. Assim, toda essa efervescência foi registrada através de fotografias. É comum encontrar imagens com cenas repetidas, tanto em centros de documentação locais, como acervos particulares. O próprio Plano de Colonização foi copiado para a circulação. As fotografias

aplicadas ao documento foram copiadas e distribuídas entre as famílias de toda a região.

Numa linha ufanista, O Plano de Colonização apresenta-se com muita clareza, através de textos e imagens seqüenciadas: o processo de implantação e construção do Oeste paraense. Através da história da empresa, a qual se encarregava de elaborar uma identidade ao o povo do Oeste, tendo como base a implantação da ciência e da tecnologia na fé e no progresso, os recém chegados à região nutriam-se de um sentimento de pertencimento a ela. Neste sentido, as festas, pela chegada de uma caravana, inauguração de pavimentações, ou festividades da semana da Pátria, eram elementos importantes nesse sentimento regional.

O Plano de Colonização foi elaborado num período em que quase toda a área da Fazenda Britânia havia sido ocupada, no início da efervescência de atividades culturais propiciadas pelo surto econômico da produção agrícola e industrial, num período em que se estava dando início a representações políticas locais e regionais. O Oeste do Paraná estava se configurando enquanto parte da sociedade paraense. Ondy Hélio Niederauer, produziu o relatório em 1955 para concurso frente a outras regiões do Paraná. Assim, o próprio ato do concurso e do Plano de Colonização se manifestam enquanto atividade para elevar o espírito do progresso local e demonstrar o desenvolvimento da região Oeste do Paraná.

A visão geral das imagens do Plano de Colonização, pela forma seqüenciada com que foram organizadas no documento, com cenas repetidas, constitui uma elaborada narrativa das atividades da MARIPÁ. Os temas se complementam entre si. Os textos e as legendas que acompanham as imagens, os efeitos conotativos das fotografias, tudo isso compõe o quadro que estrutura uma determinada memória das atividades de colonização da empresa colonizadora, participando do que deveria ser uma história da Colonização do Oeste do Paraná. A última frase que encerra o documento nos fornece elementos para que possamos compreender muitas questões que envolvem o relatório. O Oeste paraense estava projetado ser o futuro "*Celeiro do Paraná*".

Os elementos presentes nas fotografias se mostram nos objetos presentes nas cenas fotografadas e na ação manifestada durante toda a narrativa, bem como pelo espaço no qual as cenas foram retratadas, apresentando-se com maior ênfase no espaço externo. O espaço cultural representado, tanto nas imagens como no texto e depoimento, aparece como sendo o resultado do próprio trabalho realizado por homens. Pode-

se observar, a partir desse tema, uma grande ênfase nos espaços construídos para essa prática, bem como a própria ação, representada pelo trabalho de homens que aparecem usufruindo esses espaços. O lazer não é manifestado como sinônimo de descanso, mas como momento de encontro, em que eram tratados, junto às atividades realizadas, assuntos referentes ao homem e ao trabalho. Os três temas presentes na análise fotográfica, estão profundamente imbricados: o homem, através do trabalho, construiu o progresso da região; o lazer é o não trabalho, mas uma atividade organizada: estes elementos formariam as bases do progresso local.

O trabalho com a documentação fotográfica do Plano de Colonização permitiu confirmar que as questões vislumbradas através das imagens, embora considerando as especificidades locais, não estão deslocadas de questões relacionadas a momentos anteriores à produção das imagens. Essa evidência, dentre outras, abre várias possibilidades para o trabalho com fotografias do período da colonização, tanto pela existência da documentação fotográfica disponibilizada, bem como pelo crescente debate que vem sendo desenvolvido no Brasil em torno do uso de fotografias para a pesquisa histórica e áreas afins.

## Bibliografia

- ACHUTTI, Luis Robinson. *Sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.
- ARCARI, Antonio. *A fotografia: as formas, os objetos, o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- BAUDRILLANRD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- DREIBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil 1930-1960*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- DUBOIS, Philippe. *O acto fotográfico*. São Paulo: Papyrus, 2001.
- ECO, Umberto. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FREITAG, Liliane da Costa. *As fronteiras perigosas, migrações internas e a ocupação de um espaço vital: o extremo-Oeste Paranaense 1937-1997*. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Leopoldo, 1997.
- Fotografia, Acervo: *Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, 1993.
- GÜTHS, Lia Dorotéa. *A Expansão Urbano-Industrial e Questões Ambientais da*

*Sede de Marechal Cândido Rondon*, 1994.

GREGORY, Valdir. *Os Euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970*. Tese de doutorado em História Social – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

KUHN, Wilson Carlos. *Biografia de Willy Barth*. Toledo: Museu Histórico Willy Barth, 1978.

MAUD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e História – interfaces*. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, 1996.

MENDONÇA, Sonia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Toledo no Paraná: uma História de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. Impressão e Acabamento Manz Etiquetas Adesivas Ltda, 1992.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, 1993.

SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SCHMIDT, Róbi J. *Cenas da constituição de um mito político: Memórias de Willy Barth*. Cascavel: Edunioeste, 2001.

SCHNEIDER, Cláercio Ivam. *Empresa colonizadora e a (re)ocupação do Oeste paranaense*. 1998. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – UNIOESTE – Marechal Cândido Rondon, 1998.

STEIN, Marcos Nestor. *A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.